

“É um aparelho raro”, disse o oficial ao explorador, considerando com uma certa admiração o aparelho que, apesar de tudo, lhe era perfeitamente familiar. O explorador parecia ter aquiescido apenas por simples cortesia ao convite do comandante para assistir à execução de um soldado que fora condenado por indisciplina e ofensas ao seu superior. O interesse pela execução na colônia penal, de resto, também não era muito grande. Pelo menos, no valezinho arenoso, uma cova funda no meio de rochedos escarpados, além do oficial e do explorador, não estava mais do que um homem de aspecto boçal, espesso de cara, olhar bisonho e cabelo hirsuto, e um soldado que segurava a pesada corrente que comandava as grilhetas mais pequenas que sujeitavam os tornozelos, os pulsos e também o pescoço do condenado, todas elas também ligadas entre si por outras correntes. De qualquer modo, o condenado tinha um ar tão submisso, tão canino, que se poderia deixá-lo andar à solta

pelos penhascos, bastando um assobio para ele voltar a correr quando chegasse o momento da execução.

O explorador pouco se interessou pelo aparelho e, com visível indiferença, foi postar-se atrás do condenado, a andar de um lado para o outro, enquanto o oficial procedia a uma última inspecção do aparelho, ora rastejando por baixo da estrutura, que estava profundamente implantada no solo, ora subindo uma escadinha para examinar as partes superiores. Eram tarefas que poderiam simplesmente ser deixadas para um mecânico, um serralheiro, mas o oficial executava-as com grande zelo, quer porque era um admirador dedicado do aparelho, quer porque, por vários motivos, esse trabalho não podia ser confiado a outra pessoa. “Tudo pronto!”, exclamou por fim e desceu a escada. Parecia extraordinariamente fatigado, respirava com a boca muito aberta e tinha posto dois bonitos lenços de senhora por dentro da gola do dólman. “Essas fardas, claro, são muito pesadas para os trópicos”, disse o explorador, em vez de pedir algum esclarecimento de circunstância sobre o aparelho, como o oficial esperara. “De facto”, disse o oficial, lavando as mãos sujas de óleo e de graxa num balde de água previsto para esse fim, “mas representam a Pátria; não queremos esquecer a terra onde nascemos. Mas veja agora esta máquina”, acrescentou logo a seguir, secando as mãos com uma toalha ao mesmo tempo que indicava o aparelho. “Até hoje ainda era preciso proceder a uns ajustamentos à mão, mas a partir de agora funciona perfeitamente sozinha.” O explorador assentiu

e seguiu o oficial. Este queria precaver-se contra todas as contingências e disse: “Às vezes há falhas, evidentemente. Espero que hoje esteja tudo bem, mas há que contar sempre com essa possibilidade. A máquina deve poder trabalhar continuamente durante doze horas. Mas se algo falhar, há-de ser qualquer coisa de somenos que se resolve imediatamente.”

“Não se quer sentar?”, perguntou por fim, puxando uma cadeira de vime de uma pilha e oferecendo-a ao explorador; ele não podia recusar. Então sentou-se à beira de uma cova, para o fundo da qual lançou um breve olhar. Não era muito funda. De um lado da cova estava a terra que fora escavada, formando um parapeito, do outro, erguia-se o aparelho. “Não sei”, disse o oficial, “se o comandante já lhe explicou o aparelho.” O explorador fez um gesto vago; era tudo quanto o oficial queria saber, pois assim podia explicar ele próprio como funcionava. “Este aparelho”, disse, agarrando numa manivela sobre a qual se apoiou, “é uma invenção do nosso antigo comandante. Colaborei logo nas primeiras experiências e depois em todo o trabalho até à sua finalização. Mas o mérito do invento cabe-lhe a ele por inteiro. Não ouviu falar do nosso antigo comandante? Não? Bom, não exagero nada se lhe disser que a organização de toda a colónia penal é obra sua. Nós, que éramos os seus amigos, sabíamos mesmo antes de ele morrer que a organização da colónia era tão perfeita que o seu sucessor, mesmo que tivesse mil novos planos na cabeça, acharia impossível alterar o que quer que fosse, pelo

menos antes que se passassem muitos anos. E a nossa profecia realizou-se; o novo comandante viu-se obrigado a reconhecê-lo. Que pena não ter conhecido o nosso antigo comandante!... Mas (o oficial interrompeu-se) divago, e o aparelho está aqui à nossa frente. Como pode ver, é constituído por três partes. Com a passagem do tempo, cada uma adquiriu uma espécie de denominação popular. A de baixo é a cama, a de cima é o gravador, e esta, intermédia, é a grade”. “A grade?”, perguntou o explorador. Não estivera a acompanhar com muita atenção, naquele vale sem sombras o sol era demasiado forte, custava-lhe manter-se concentrado. Tanto mais digno de admiração lhe parecia o oficial, que, apesar do dólman apertado da farda de gala, ajoujado de dragonas e alamares, prosseguia na sua explicação e, além disso, enquanto falava, apertava um parafuso aqui, outro acolá, com um desandador. O soldado parecia estar também no mesmo estado que o explorador. Passara a corrente do condenado à volta dos pulsos, apoiava-se na espingarda, deixava cair a cabeça e não se importava com nada. Para o explorador, tal não era surpreendente, pois o oficial falava em francês, e certamente nem o soldado nem o condenado compreendiam uma palavra. E por isso era ainda mais notável que fosse o condenado que se esforçasse, apesar de tudo, por seguir as explicações do oficial. Com uma espécie de perseverança sonolenta, dirigia o olhar para onde o oficial apontava e, sempre que o explorador o interrompia com uma pergunta, olhava também, tal como o oficial, para o explorador.

“Sim, a grade”, disse o oficial, “um nome bem posto. As agulhas estão dispostas como os dentes de uma grade, e funcionam como uma grade num terreno lavrado, embora o seu arrastamento esteja limitado apenas a um lugar e se faça com muito mais arte. Seja como for, o senhor compreenderá tudo dentro de pouco tempo. Aqui, na cama, coloca-se o condenado, mas primeiro descreverei o dispositivo antes de o pôr a funcionar e então todas as operações tornar-se-ão evidentes para o senhor. Além disso, uma das engrenagens do gravador está muito gasta, range bastante, quase não se ouve a própria voz; infelizmente, aqui é muito difícil arranjar peças sobressalentes... Bom, aqui é a cama, como disse. Está completamente recoberta por uma camada de algodão em rama; veremos já qual a razão e para que fim. Sobre esse algodão é deitado o condenado, de bruços, nu, evidentemente; estas correias aqui são para lhe amarrar as mãos e os pés e esta é para o pescoço. Aqui, na cabeceira, onde, como disse, já foi deitado de cara para baixo o condenado, há esta pequena mordaza de feltro, que se pode regular facilmente para lhe entrar directamente na boca. A intenção é evitar que grite ou morda a língua. Naturalmente, o homem é forçado a aceitar a mordaza de feltro na boca, senão a correia quebra-lhe o pescoço.” “Isso é algodão?”, perguntou o explorador, inclinando-se para a frente. “Sim, claro”, respondeu o oficial com um sorriso, “veja.” Pegou na mão do explorador e guiou-a para a cama. “É um algodão preparado especialmente, por isso tem este aspecto tão